



# O Gaiato



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

DIRECTOR EDITOR:  
**PADRE AMÉRICO**  
 Redacção, Administração  
 e Propriedade:  
 Casa do Balão do Porto  
 Paço de Sousa  
 Composição e Impressão  
 Tlo. da Casa Nun' Alvares  
 R. Santa Catarina, 628-Porto  
 Vales do Correio para Cete  
 Ano III—N.º 54  
 23 de Março de 1946  
 Preço 1\$00

## DUAS CORRENTES

Nós deixamos que os nossos rapazes exponham, com humildade e sinceridade. Expôr não é impôr.

NAS páginas lúcidas deste jornal faço a crítica ao regime de conduzir a criança através do tempo julgado necessário para a regenerar em estabelecimentos, oficiais, e a apologia destoutro, numa Casa de Rapazes, erguida com o suor dum homem, que reformou por completo a maneira de educá-los, casa essa que é mantida com a matéria prima que são os próprios Rapazes, seus habitantes únicos.



O Herlender, autor destas regras, vindo de terras de ninguém.

Ao entrar numa casa do Estado, o menor é logo enfiado numa indumentária regulamentar. Submetem-no depois a uma série de observações antropológicas, descobrindo-lhe taras congénitas e hereditárias, e passa à 1.ª, 2.ª ou 3.ª divisão, conforme a sua idade. E começa agora o seu martírio, a sua verdadeira prisão. Tem de sujeitar-se a um regulamento rígido, à rotina de actos que se repetem monotonamente, sem lhe trazer a ele, menor delinquente que necessita regeneração, qualquer atractivo pela vida futura! Sempre sob a vigilância dum guarda inexperiente e contra indicado para orientador, o menor perde a faculdade de auto-domínio nas suas incoerências e torna-se um profissional na arte de ludibriar as vistas dos seus vigias. Confinam-se entre as quatro paredes dum recreio sem horizontes, onde embota o espírito, e esperando quase sempre pela maioridade para dar livre expansão aos seus apetites, disfarçados com os mais subtis subterfúgios. Salva-se-lhe, mas nem sempre, um diploma de instrução primária, a aprendizagem dum ofício. Isto nos Estabelecimentos mais apetrechados. Há valores que sobem mais alto, mas esses tem de lutar por si mesmos, criando hábitos de trabalho, de perseverança assídua, e só se manifestam quando se retiram do recinto regulamentar, quer por terem atingido o limite de idade, quer por haver alguém que vele pelo interesse deles.

Nas Casas do Gaiato, o processo de regeneração circula e enverea por outros caminhos, em nítido contraste com os primeiros. E se ainda se não registam resultados positivos, é porque o seu tempo de actividade é ainda muito curto para se poder avaliar das suas possibilidades em colocar na vida homens de caracter, aptos a enfrentarem as adversidades e os perigos, evitando-os e fugindo-lhes. Mas tudo leva a crer que muito há a esperar dos actuais pequeninos obreiros que hoje constituem a população duma Obra, cujo plano visa a eliminação do coeficiente de vadios, e, por conseguinte, a salvação dum Portugal maior e melhor, sem menores nos bancos dos réus.

Ao ingressar na comunidade das Casas do Gaiato, o menor em perigo de sofrer um derrotismo completo do que vale moralmente, não se acomoda a uma fardeta, antes, continua na plena posse daquilo que trouxe vestido. E' certo que em breve terá de vestir novas roupas, porque as suas, pelo seu precaríssimo estado de conservação, já nem para panos de limpeza servem. Mas não recebe vestuário marcado com o sinete da casa, típico doutras casas, nem se sujeita a uma única qualidade. E da sua diversidade, não im-

plica distinção, mas sim estímulo para conservar o que fica a ser seu. Vem depois a sua liberdade, contrastada pela dos seus colegas que ficam a ter um processo nos ficheiros do Estado. O campo das suas acções é livre, pode idealizar e elaborar pequeninos mesteres, que marcam a sua personalidade. Não tem a constante vigilância dum guarda, mas sim os conselhos dum irmão mais velho, com quem desabafa e a quem se entrega para se conduzir e encontrar o caminho que lhe garanta a salvação das suas faculdades de iniciativa laboriosa. A sua vista alarga-se pelos campos que são seus e vai até aos muros, que não tem necessidade de escalar, porque, se quiser fugir, tem a porta de entrada aberta. O rapaz, assim livre, autodomina-se, não é dominado. Para abalar as suas tentações, tem a Capela anexa ao recreio. Dentro dela, não aprende somente a rezar a um santo mas sim a procurar o Mestre e a confiar-lhe as fraquezas da pessoa humana.

E' procurado para se lhe entregarem missões dedicadas, que requerem responsabilidade, e esta confiança que depositam nele obriga-o a reconsiderar na fidelidade das acções e a pôr em prova a sua gratidão e o que vale.

Desempenha funções que o levam a lidar com dinheiro, fonte de quase todos os seus vícios, e este contacto, esta posse plena, obriga-o a vencer-se a si próprio, dominando a oportunidade de prevaricar. Há excepções, que confirmam ser assim que se deve educar. As notícias da Casa de Paço de Sousa, insertas no Gaiato, assim no-lo dizem.

Como estará assegurado o futuro destes Rapazes, amanhã, no palco do mundo? Eis a intetrogação dos que não sabem esperar!

O Flanagann português não descarta o ponto mais importante da sua altíssima Obra. Basta saber que está destinado a estes Rapazes um campo de acção extensíssimo em terras do Império, donde eles podem

continua na segunda página

## Palam três homens

### de amanhã

Faz hoje dois anos que este pequenino jornal começou a circular. Quem o vende são os nossos rapazes todas as quinzenas, no Porto, em Braga, em Coimbra, na Figueira da Foz, etc. Este jornal traz noticias dos rapazes da rua, das quatro Casas do Gaiato e do Ardina. Deus queira que esta obra dure muito tempo para continuar a fazer o bem que está fazendo agora. O fim desta obra é preparar os rapazes vadios para entrarem na sociedade uns verdadeiros homens.

Para isso temos cá oficinas de serralheiro, carpinteiro, sapateiro, barbeiro, etc.. Não temos só este edificio, temos também casas de familia, capela, escolas e uma casa grande onde comemos e onde dormem os mais pequeninos que precisam do bafo de mãe.

No Porto estão os que andam a estudar e os que já mereceram ir para lá trabalhar. Só para lá vão os que merecem. A vontade do Sr. Padre Américo é só nos deixar sair daqui quando tivermos o nosso ninho constituído

continua na segunda página



Um encontro feliz à porta do redil

## Tem a palavra o Sérgio

NESTE dia em que se celebra a solene inauguração da Capela de Paço de Sousa, onde não-de ir muitas vezes pedir auxilio ao Divino Mestre, aqueles ex-garotos das ruas que serão amanhã homens honrados do nosso Portugal querido; nós os maiores desta Casa não podemos passar sem dar as nossas impressões sobre a Obra da Rua que nos salvou.

Quando nós andavamos pelas ruas só sabíamos fazer o mal, mas agora que não nos faltam amigos nem carinhos queremos e havemos de ser melhores.

As Casas dos Gaiatos nasceram unicamente para nós e só para nós.

Nós rapazes! Jamais as esqueceremos. O Padre Américo não quer outra paga senão o nosso bem presente e futuro, e nós também só queremos para outros rapazes perdidos o bem que já temos.

E' necessário que todos os portugueses ajudem esta obra que é uma das maiores que apareceu em Portugal, que começou nesta Casa do Gaiato em Miranda do Corvo e por isso queremos que esta não acabe. Daqui têm saído muito rapazes para empregos para Coimbra e para o Porto.

Esperamos que os nossos irmãos saibam honrá-la sempre como até agora.

Nós esperamos ir fazer-lhes companhia em empregos que nos hão-de garantir o futuro. Mas nem sempre aqui podemos preparar-nos bem porque faltam ainda muitas coisas. Precisamos por exemplo, duma escola para nos instruímos e também das oficinas porque temos rapazes com muita habilidade, mas enquanto não as tivermos temos que sujeitar a trabalhar no campo embora não haja trabalho mais honrado nem mais saudável, mas cada um nasceu para o que Deus quer; nem todos para o campo nem todos para as oficinas.

Mas tudo isto se há-de conseguir se Deus der ainda muitos anos de vida ao nosso Pai Américo.

Nós havemos de ajudá-lo sempre com o nosso trabalho e havemos de ir à Nova Capela de Paço de Sousa neste dia 24 pedir muito a Deus pelo nosso grande amigo e pela Obra.

VIVA O PAI AMÉRICO!

Este número de «O Gaiato» foi Visado pela Censura



A limpeza das casas é obrigação dos rapazes

## Crónica da Casa do Porto

O nosso Lar no Porto é destinado aos rapazes vindos de Paço de Sousa e de Miranda, que deram provas de bom comportamento. Todos nós estamos empregados e estudamos de noite nas Escolas comerciais ou industriais, e os do curso primário tem em casa professor próprio. Aqueles que não estão empregados cuidam da casa. O Mondim que é o nosso cosinheiro levanta-se logo pela manhãzinha, para nos dar o café para irmos para o trabalho. O Rui está encarregado da arrumação duma camarata. O Vergílio é o nosso porteiro e serve à mesa. O Torcato (Poupa) está encarregado de tratar das galinhas e de algumas limpezas. O Rodrigo Fabião é o nosso roupeiro. São estes os que cuidam do arranjo da nossa casa. Aos sábados, na rouparia, anda tudo de volta do Rodrigo: — *Dá-me a roupa, quero tomar banho.*

Aos sábados temos lição de moral. Quando alguém de nós cai em falta é julgado em comunidade. Todos damos o nosso parecer e no fim vê-se qual o castigo mais justo, e temos ainda liberdade para concordar ou discordar com o castigo aplicado. Isto é a verdade. E por aqui fica relatada a vida do nosso Lar do Porto, e ao que acabamos de expôr tudo devemos ao nosso Pai Américo. Por último enviamos um voto de prosperidade para o nosso «Gaiato» que hoje celebra o segundo aniversário.

### Noticias da Conferência

Chegou-nos a noticia de ter falecido o nosso pobre velhinho, o Snr. João, irmão daquela pobresinha que morreu, faz hoje precisamente quinze dias. Faleceu no Hospital de Santa Maria. Foi muito bem tratado pelo pessoal daquele Hospital, o que muito agradece a nossa conferencia. Coitadinho que magoa que ele teve quando lhe morreu a sua irmã. Sempre viveram juntos, como exemplo. Se não fosse a nossa conferencia morreriam sozinhos. Assim não lhes faltou nada, desde o alimento ao medicamento. E ainda estiveram trez dos nossos confrades junto deles duas noites, ver o que precisavam. Que Deus os tenha os dois juntos no céu, como estavam na terra.

—A pobre do Despacho e do Licinio anda com um braço partido. E' das mais necessitadas da conferencia. Precisa de tudo e especialmente de roupa de cama. O pobre do Bernardino anda muito triste. Disse-lhe que lhe tinham aumentado a renda da casa. O Bernardino também disse que estava a casa mais limpinha, e que há três meses que não paga renda. De Lisboa o Senhor Vicente Caço, enviou-nos um vale de correio de 20\$00. Obrigado Senhor Vicente, que Deus lhe pague. Foi a primeira esmola que tivemos da capital.

Também de um anónimo, que nos escreveu uma carta muito amavel, registamos que trazia 20\$00 e que em podendo mandaria mais. A conferencia agradece. Bem hajam.

### O que nos ofereceram esta quinzena

Da casa Carvalho & Gastalho deram-nos dois pacotes de artigos de papelaria, que estavam arrumados para um canto, que era de saldo. Se todas as casas assim fizessem! Agradecemos à generosa firma. Do Laboratório Almeida Cunha enviaram-nos medicamentos. Eles são muitos precisos para a nossa farmácia. Um senhor deu-nos uma galinha choca e meia

## Noticias da Casa de Miranda

por Carlos Alberto Fontes  
OS NOSSOS POBRES

Como combinámos numa das nossas reuniões ao domingo um dos confrades passa com o cesto pela mesa e cada menino dá o que pode do seu pão aos pobrezinhos. Vimos depois levá-lo com outras coisas que podemos comprar, batatas, feijão e se sobeja também às vezes açúcar. Todos os nossos pobres ficam muito satisfeitos com a boa esmola, sobretudo se têm filhos pequenitos. Resolvemos comprar uma patena para a capela de Paço-de-Sousa para quando os rapazes de lá estiverem a conungar se lembrem de nós. Por isso pedimos ao Sr. Padre Américo que não aceite outra. Num dia destes andamos todos a cavar uma pouca de terra para semear feijão e plantar batatas e coives. E' a horta da Conferência e quem a dirige é o Sérgio. O nosso presidente assinou agora a lista que vai para Paris, para ser entregue, votando pelo Presidente das conferencias de todo o mundo. Foi uma honra para nós!

Agora o que tenho tido é pouca ajuda de amigos dos nossos pobres. Não se esqueçam porque nós também somos pobres.

O secretário:  
Carlos Alberto Fontes

Já não temos música ao acordar, porque o Snr. Joaquim foi agora para o Porto para afinar o órgão e dar ensaios aos que hão-de cantar a missa no dia da inauguração da Capela de Paço-de-Sousa. De manhã, sempre a primeira coisa que fazia, era ir tocar piano. Antes de partir perguntou ao Carlo se queria alguma coisa para o Porto. Quero sim senhor: diga ao Barrigana que defenda a bola e não tenha medo de sujar a camisola.

O cão mais antigo veio para cá quando o Velha. E' ele que o trata. Muitas vezes deixa de comer o pão para lhe dar. Quando o Velha foi a Coimbra distribuir as esmolas, o cão andou todo o dia triste e não comeu nada. Cheirava a todos mas não dava com o patrão. Quando ele chegou à noite isso é que ele fez pirotetas de contente. Se não é o Velha, ele passa fome de rabo!

Andam cá dois homens a preparar as latadas. A quinta com as canitas à volta das parreiras até parece outra...

O Velha foi à vila, descalço com a camisola rota. Quando cá chegou o Senhor Padre Adriano ralhou-lhe e ele disse: Ninguém me lá deu nenhuma melhor.

Há dias o Zé Brio tinha uma estampa que representava um menino em cima dum jumento e o Manuelzito pediu-

lho e o Zé disse: olha tens que dizer o que é? E' o café. Fôfa é a moleira cá de casa que anda sempre com o burro. Depois a estampa caiu-lhe para baixo da cama, e ele andou à procura dela dizendo: — Que é da minha fôfa? Que é da minha fôfa?

O Rui teve uma camisola e bolos que lhe mandaram de Coimbra. O Tónio todo invejoso foi chamar o Manuelzito. Olha! O Rui come bolos que lhe mandou a mãe da avó, e a gente não come nada. Anda sempre a engraxar a Senhora!

Matamos o único suíno que tínhamos. Pesava 10 arrobas e meia. Tivemos batatas com torrêsmos e morcela ao almoço. Ainda estivemos à espera do senhor Padre Américo, mas como ele não veio fizemos a festa sózinhos.

O Cegonha pôs-se a discutir à mesa com o Gil por causa da bilha da água. O Cegonha puxou de repente e a água entornou-se por ele abaixo e pelo chão. Acudiu o chefe da mesa a perguntar o que foi; o Chico morcego respondeu logo: Foi o Cegonha que picou numa nuvem!

O Rádio amou e disse que se queria ir embora. Mas a mania passou-lhe depressa. E' que, dizia o Zé Maria, lá fora não toca a sineta para o jantar, mas toca um sino grande na barriga a pedir trinca-deira!

## Falam três homens de amanhã

continuação da primeira página

e ganhar-mos o suficiente para o sustentar. Se quisermos ficar cá a ensinar a arte que sabemos, aos nossos companheiros, o Snr. Padre Américo deixa-nos ficar. — Zé Eduardo.

■ Encontro-me bem nesta comunidade de rapazes. Estas casas foram feitas para rapazes vadios, rapazes que andavam pelas ruas esfarrapados cheios de fome e frio assim como eu era antes de vir para as Casas do Gaiato. Eu mais tarde poderei fazer de mim um homem honesto e trabalhador, eu por enquanto sou cozinheiro mas mais tarde o Snr. Padre Américo pode-me empregar no Porto ou noutro sitio qualquer. — Constantino.

■ Encontro-me bem e alegre junto da nossa comunidade que são todos bons rapazes. Trabalham todos para o bem da sociedade, que somos todos nós. Esta obra em geral é para os vadios que andam abandonados de toda a gente assim como eu andava antes de vir para aqui.

Hoje, não. Estou numa casa onde aprendo a ser educado, honesto, tudo quanto é de bem, aprendo também a ser limpo que para isso temos as nossas casas de habitação, não luxuosas mas limpas sim. Aqui já estamos alguns nas oficinas; já há dois ferreiros, um sapateiro e dois carpinteiros um deles sou eu, todos nós trabalhamos com gosto e animação para sermos homens de bem.

Há um mestre que nos ensina a trabalhar e a sermos

## MIRANTE DE COIMBRA

sol mergulha no Oceano e reaparece na manhã seguinte, mais resplandecente. Moisés mergulhava na Luz Incriada do Sinal e descia do monte, fulgurante; triste, profundamente triste é o nosso caminhar, ao sair da escuridão da lúgubre morada de pobres viventes.

Que queres tu, leitor, que eu pense ou que eu diga, ao sair dum autêntico curral de suínos (medita bem cada uma destas palavras) onde a tuberculose, a fome, o frio, a nudez, a porcaria, a promiscuidade, a prostituição, dormiam por completo seis pobres vítimas (dentre elas três crianças, ali aninhadas debaixo dumas ripas a que, para maior desumanidade, se tirou o telhado?)

Sentimos o coração a gritar de sentimentos que não ousamos exprimir. Onde está a fraternidade, a filantropia, a caridade cristã?

Que é dos poderes públicos, que é da Igreja? Se como representante dela avanço um pouco até esta zona perigosa, sinto-me só, sem recursos alguns. Uns ficam para trás a discutir Platão ou Zaratrasta; outros a fazer cálculos sobre capitais depositados.

Estamos à espera que aí venha o dilúvio arrancar aos loucos o supérfluo que a Moral ensina, a razão afirma, o coração e a justiça social reclamasse ser dos Pobres.

Por outro lado os homens que riscam, julgam defender a honra duma cidade quando deitam as barracas abaixo e mandam os Pobres dar um passo à retaguarda. Afinal não fazem mais que aumentar-lhe a desgraça.

Não! Eu só vejo a salvação na atitude compassiva do bom Samaritano.

A experiencia está feita. Os cem rapazes que a Obra da Rua, aqui em Coimbra, tirou da miséria do beco, erguem-se agora miraculosamente da lama.

Haja outros samaritanos que levantem outras vítimas e a pobreza não acabará mas há-de por certo diminuir e, sobretudo dignificar-se.

As crianças... as crianças. Salvem-se ao menos as crianças!

P.<sup>e</sup> ADRIANO

## Duas Correntes

continuação da primeira página

rão ser úteis à Metrópole. Nessa altura, saberão mostrar o que acumularam de bom durante estes anos de auto-domínio. Saberão! Falo já por alguma experiencia. Os mais velhos, agora indigitados para Maiores e conselheiros dos mais novos, devem sentir dentro de seu peito que é imperiosamente necessário pautar a sua conduta, tanto exterior como interior, para desempenharem a sua missão, guiando e aconselhando os mais novos.

Eu próprio, ao ser pela primeira vez indicado para Maioral do Lar, há 3 anos, senti, fui impellido para esse caminho. Posso até afirmar que fortaleci o espirito, e defini a minha vida. Sou irmão de berço destes Rapazes em relêvo e tenho subido lentamente os degraus escorregadiços da vida. Já me sentei à mesa onde se bebe o caldo de ninguém ou onde se digerem três pratos. Não tenho ambições de fortuna nem de glória. Só de Ciência. Mas ao lugar mais alto aonde subir, não esqueço donde parti, nem os que foram meus irmãos no infortúnio. Esta concepção levou-me um dia, ainda no meu 3.º ano liceal, a oferecer ao Padre Américo, à sua Obra, o produto dos meus esforços, do meu trabalho aturado. Aturado e tenaz, sim! Foi-me possível fazer em 4 anos, os 7 do curso secundário, tirando-lhes ainda um para a minha instrução militar. Só há pouco fui promovido e licenciado. Trabalho, não só para adquirir um mínimo de conhecimentos à minha sede insaciável de saber, como também para vir auxiliar os que são meus irmãos de sorte, e que sobem hoje a 200. Mas tudo isto é uma nota pessoal, de que peço desculpa. Veio só para confirmar que a missão de rapazes a dirigirem rapazes, cria hábitos de auto-educação e auto domínio, abre horizontes de Beleza e de Fé.

A Obra está ainda em embrião, luta pelo seu desenvolvimento, mas pode-se confiar no seu sucesso, pelo que ela há-de vir a garantir à Pátria, a Nação Portuguesa: tem sobre ela o selo da Providência e os olhares do Céu; da Terra, a esperança e o auxílio daqueles que sentem nas suas almas as angústias e misérias da Criança abandonada, mas que também encerra alma, vive e sente.

# Isto é a Casa do Gaiato

**A**QUI há coisa de dois meses, apareceu na «Aldeia» um pequenino vagabundo sem morada certa nem documentos. Depois das formalidades do estilo, que vem a ser rapar a cabeça, dar cabo da bicharia e queimar a roupa, o garoto instalou-se e entregou o dinheiro das esmolas. Ontem, veio declarar que se queria ir embora.

— Pois sim.  
Vestiu-se de lavado, pediu o seu dinheiro, despediu-se das *senhoras* e seguiu o seu destino. Eu estava ao pé da turma dos do campo, ocupados, na ocasião, com a sementeira de batatas. O *desconsolado* passa. O Bártolo, vergado a pôr batatas na geira, diz-lhe, sem deixar o seu trabalho:

— Anda meu burro, que te há-de arrepender.

Eram 4 da tarde na torre da igreja. Rezávamos o terço, em comunidade, na sala do costume, às 8 da noite daquele mesmo dia. Fora, à luz, via-se um garoto de mãos postas, a fazer côro com os de dentro. Era o pequenino pedinte, *sem morada certa nem documentos*. Não entrou. Não podia entrar. Ele compreendia muito bem, por si mesmo, a sua nova situação. Deixou cair as mãos e esperou.

Refeitores serviam. Os orientadores sentaram-se. O primeiro que vem é o António do Bairro:

- Deixe entrar o rapaz.
- Tu é que és o chefe dele?
- Não senhor. É o Pepe.
- Vai chamar o Pepe.

Pepe apresenta-se e é da mesma opinião:

— Sim, que entre.  
Entrou por entre aclamações dos companheiros. O bom filho...

**H**OJE de manhã, ao regressar à sacristia, dei com um arco arrumadinho ao arcaz dos paramentos e logo vi que tínhamos tido *devo*to na Missa. Perguntei ao Porto, meu ajudante, de quem era o arco.

- É do Francisco.
- Ele veio à Missa?
- Veio, sim senhor.

Nós não obrigamos ninguém à audição da Missa, em dias de semana e não proibimos ninguém de o fazer. O Francisco foi: levou o arco consigo. Que bela companhia!

**G**regório mal-lo Fernando são os dos porcos. Mas o Fernando foge à obrigação e deixa todo o peso sobre as costas do Gregório. Este, muito naturalmente, apita. Foram chamados. Cento e vinte testemunhas acusaram naquela noite o Fernando, de mau camarada. Eu também fui testemunha de acusação.

**N**ÓS temos dois refeitórios em plena função; o dos rapazes, onde comem também os *senhores*, e o das *senhoras*, onde comem as assistentes. O chefe deste, é o Francisco de Lisboa. O da quele, é o Amadeu Elvas. Ora sucede que os dois chefes andavam muito intrigados, há muito tempo, por observar nas suas zonas de comando, sinais evidentes de roubalheira de açúcar. Quem será o rato? Eis a tremenda incógnita!

Pois o rato caiu. Era o Miguel de Coimbra, aquele mesmo que estofou o *sim senhor*, com medo da colher de pau, por ter partido um alguidar, como aqui foi dito. O Miguel foi apanhado no armário, de costas pró refeitório, e meter mãos cheias de açúcar na boca. O Carlos deu fé:

— Eh! Miguel!  
Acudiram imediatamente os dois zelosos refeitores. Vieram os da rouparia. Era um mundo de miudos. O ladrão apanhado de surpresa, tinha a boca cheia de açúcar, e bem quisera fugir.

— Oh grande lambareiro! Era esta a reboada das testemunhas de acusação.

O Miguel de Coimbra, que andava lá pelas ruas sem escola e sem catequese e sem destino, veio aqui à nossa «Aldeia» castigar-se pelas suas próprias mãos

**O** Cantinho dos Rapazes, tem provado ser de grande aceitação para as nossas comunidades. Fala-se muito cá em casa no que lá vem.

**Q**UEREM escutar duas palavras acerca do Zé Eduardo? Do Porto? Do Cronista da nossa aldeia, que tantas são as designações com que ele aqui se tem apresentado? Querem escutar? É um rapaz portador de boas condições morais e físicas para triunfar, mas de tal sorte nos frita aqui todos os dias que, por vezes, desanimamos!

Primeiramente, foi nomeado vendedor do jornal, mas não vendia; ficava pasmado em frente das montas etc. Experimentou-se mandá-lo à cidade aviar recados. Foi lá por uma encomenda. Chegou a Cête, desembarcou e deixou ir a dita no comboio até Barca d'Alva e vice-versa! Experimentou-se fazê-lo roupeiro, e a *senhora* encarregada, a certa altura, queixou-se: *não posso mais!*

Quanto a escola, os professores que digam! Experimentou-se mandá-lo prós do campo; arnava tantos e tais sarilhos, que tivemos de o retirar! Está agora no refeitório, mas a *senhora* não pode com ele! Para se lhe tirar uma *crónica*, vejo-me e desejo-me:

- O' Porto, anda cá.
- Já vou.



ZÉ EDUARDO

E não vem! E' preciso ir buscá-lo fecha-lo à chave no escritório. Ontem era domingo. Encomendei-lhe um *artigo de responsabilidade*. Deixei-o a escrever e fui-me embora. Regresso e topo o papel em branco: — O' Porto. O' Porto. O' Porto.  
Estava no salão com a malta a ouvir o relato e a dar palmas! Eis os nossos trabalhos.

**O** Zé saltimbanco vinha à frente com o gigo à cabeça. Logo atrás, vinham o Alfredo, o Amândio e o Ernesto. No coice, vinha o Constantino, com a galinha chocca debaixo do braço. O Zé saltimbanco, pousou o cêsto mesmo à minha beira: *olhe que lindinho!* Eram os dezoito pintainhos da galinha que o Constantino trazia, os quais, por terem sido botados por ele, são hoje conhecidos pelos *pintainhos do Constantino*. O Alfredo que já pernoitou em cárceres publicos, não se fartava de beijar os *pequenos!* O Ernesto, que passou identicos trabalhos lá fóra, juntava a ninhada na palha, exclamando: *ai!*

## OS NOSSOS ASSINANTES

Tirante uma pequena meia duzia de «teimosinhos», todos mandam os vales para Cête; é muito raro vir algum para Penafiel ou Porto. Isto, no que toca ao local do pagamento. Quanto ao pagamento propriamente dito, há muito mais «arrastadinhos» do que «teimosinhos». Não é por mal; são os afazeres. O que nós pretendemos é aumentar o numero. Mais curiosos. Mais gente que nos queira auxiliar. Com êste numero, «O Gaiato» apresenta-se com duas polegadas mais. É um pequenino progresso. Ele esforça-se por agradar e merecer. Assim o estimado publico corresponda.

José de Sá, 100\$; Torcato Brochado de Sousa Soares, 100\$; P.º Manuel Antunes, 100\$; Maria Isabel Afonso dos Santos, 20\$; Maria Aldegendes F. Almeida Pestana, 50\$, todos de Coimbra. Dr. Alberto Rego, 50\$; Escola Primária da Serra do Mouro, 50\$; Escolas Primárias, 50\$. Todos de Chão de Couce. Escola Primária da Pedra do Ouro, Ancião, 50\$; Escola Primária da Ameixieira, Ancião, 50\$; Tomazia da Conceição Gonçalves Pereira, Vila da Feira, 10\$; José Alves de Castro, Seia, 50\$; Mari. Emilia Pinto Antunes Mendes (6 meses), Sertã, 12\$; Francisca Craveiro Lopes F. Martins, Algs, 50\$; Arminda de Jesus Andrade Freire, Alverca da Baira, 50\$; Dr. Alfredo Brito Pereira, Quiaios, 25\$; P.º João Domingos, Donas, 50\$; Isabel do Rosário Louro, Nisa, 10\$; Sofia de Almeida, 20\$; Henrique Pais Laranjeira, 25\$; Dr. Henrique Machado, 25\$; Carlos Alberto Augusto de Sousa, 25\$; Jacinto Henriques Machado C. Mota, 25\$; Olga da Luz Figueiredo B. Almeida, 25\$; Amélia Avelar Ferreira, 25\$; Directora do Colégio da I. Conceição, 20\$; João de Lemos Figueiredo, 20\$. Todos de Viseu.

Narciso Francisco Figueira, Agueda, 24\$; Mapril de Paula, 20\$; Vitorino Sares de Barros, 20\$; Valter Pinto de Castro, 15\$; Júlio Fonseca Ferreira, 20\$; Artur Ferreira, 20\$; José Célia da Silva, 20\$. Todos de Bombarral.

Maria Teresa de Carvalho Luizello Godinho Ribeiro Teles, Coruche, 50\$; Maria Luísa Vidigal Simplicio, Evora, 20\$; Beatriz Tavares de Moura, Evora, 26\$; Abílio Amaral. Riodades, 50\$; Luís Pacheco Viana, Matozinhos, 50\$; Dr. Fernando Costa e Almeida, Anadia, 50\$; Tenente Coronel José Barbosa Camejo, Rossio ao Sul do Tejo, 20\$; Joana Soares Mendes, 20\$; P.º Ramiro Alves dos Santos, 20\$; Glória Vences da Silva, 20\$. Todos do Rossio ao Sul do Tejo. Maria Joana Corado Caldeira (45-46) Elvas, 36\$; Maria Julieta Nunes da Silva,

Elvas, 20\$; Maria Emilia Albuquerque Pinho-Albergaria-Velha 30\$; Emilia da Cunha Leão, Parada, 50\$; Manuel Teixeira, Paredes, 20\$; Maria de Fátima Prazeres, Vila R. de S. António, 25\$; Jaime Monteiro de Aguiar, Paço de Sousa, 20\$; Ernesto de Queiroz Ribeiro, 2.º; Maria Rosa Didier, 50\$; Ambrosina Baltasar Ribeiro, 25\$; Fernando Sá Leão e Seabra, 40\$; J. de Sousa Guedes, 50\$. Todos da Foz do Douro.

Alfredo de M. lo Vaz Pinto, Arcaça, 50\$; Aleonides da Piedade de Carvalho, Cadima, 20\$; Alberto Rolo, Cadima, 20\$; Fernando Cabral, Mangualde 50\$; Susana Machado, Cantanhede, 50\$; António Lopes Dinis, Bencanta, 50\$; Dr. José Maria Rodrigues de Carvalho, S. Mamede de Infesta, 50\$; Lavinia Barreto Neves, Alcobaca; 50\$; Joaquim Antunes Trincão (2 anos), Torres Novas, 50\$; Nuno Lúcio Cordiro, Riachos 50\$; B.ão de Alvaizere, Vila N. Ourem, 50\$; Maria Violante de Queiroz e Melo, Carnache, 50\$; Maria José Folque de Gouveia, Ferreira do Zêzere, 30\$; Palmira Félix de Faria Soeiro, Ferreira do Zêzere, 20\$; João Manuel Fonseca, Figueira da Foz, 30\$; Manuel Leite de Almeida Baptista, Murtosa, 30\$; Tenente Coronel Alfredo Ferreira Esteves, Lamego, 50\$; Tendorá Peixoto Neto, Braga, 50\$; Creche de Braga, Braga, 20\$; E. edina Santos Seixas Penetra, Braga, 25\$; Padre Manuel Mendes Laranjeira, Vila de Rei, 50\$; João Baptista Ferreira Soares, 50\$; Albino Ferreira da Cruz, 50\$; António Pinto de Azevedo, 20\$; Pito Augusto Marques de Oliveira, 50\$. Todos do Rio Tinto.

Capitão Fernando Rezende, Paço de Arcos, 50\$; Rosa Maria Lino, Redondo, 50\$; Luísa Torres Vaz Coelho, Evora, 24\$; Hernani José Cardoso Baptista, Sesimbra, 50\$; Maria José Azevedo Garcia, Mata de Lobos, 30\$; Maria da Providência Azevedo, Vale de Afonsinho, 30\$; Emídio Gonçalves, Vale de Cambra, 50\$; Dr. António Ferreira, Lousada, 30\$; Di-

rectora do Colégio de S. José, Viana do Castelo, 50\$; António de Serpa Pimentel, Viana do Castelo, 30\$; Hernani Maia, Aguda, 20\$; Fortunato & Irmãos, Régua, 50\$; Idalina Rocha, Arcos de Valdevez, 25\$; Maria da Luz Pereira de Almeida Neves, Aveiro, 20\$; José Ferreira Goucha, Alcanena, 20\$; Carlos Lopes da Silva, Gondomar, 20\$; António Alves de Oliveira, Senhora da Hora, 50\$; Maria Angelina de Sá Pereira, Alpedrinha, 33\$40; Capitão António Ibérico Nogueira, Maceira-Liz, 50\$; Joaquim Dias Coelho, 50\$; Ramiro Pais, 20\$; António Matos Cabral, 20\$. Todos de Paços de Brandão.

Laurinda Amorim, S. Miguel de Paredes, 100\$; Joaquim Pinto da Cunha, Paredes de Coura 25\$; João Bragança, Chaves, 50\$; Padre José Veiga (2 anos), Candedo 50\$; António Maria de Rhodos Sérgio Callapez, Monchique, 60\$; Luís da Rocha Monteiro Simão, Vale Prazeres, 50\$; Albano Moreira da Silva, Vilar do Paraíso, 200\$; Evaristo Flores Ramos, Vila Real, 20\$; Inácio Ferreira Azevedo, Trofa, 30\$; José Rodrigues Crista, Matozinhos, 20\$; Maria Cândida da Fonseca Pinto, Nave de Haver, 25\$; Juventude Iud. Católica, Vila Franca de Xira, 30\$; Meninos Arnaut Pombeiro, Tavira, 20\$; Julia de Castro, Anadia, 100\$; Ofélia Rosa Ramos, Torres Vedras, 20\$; Maria da Conceição e Maria de Fátima Antunes Leal de Oliveira, Leiria, 25\$; José Luis Rosa, Miranda do Côrvo, 20\$; José da Costa Unhão, 20\$; José de Brito Fadista, Viana do Alentejo 20\$; Eng. Pedro da Silveira, Santar, 200\$; Padre Fernando Ferraz, Fundão, 35\$; Estelita Baptista Cotrius, Ferreira do Zêzere, 20\$; Austrelindo Dias Garcia, Loulé, 20\$; José Carneiro Bessa, Faro, 20\$; Domingos Ferreira Pinto, Arcosa, 20\$; Dr. Amândio Reis da Rocha, 50\$; Dr. Manuel Martins Moreira, 40\$; Dr. Alberto Franco Falcão, 25\$; Dr. Manuel da Costa e Melo 25\$; Dr. Augusto Simões, 50\$; Manuel Rodrigues da Fonseca, 25\$.

que *quentinhos!* Ele pequenino de 9 anos, agora também *quentinho!*

Depois de várias considerações e exclamações sobre o episódio, Zé saltimbanco toma de novo o cêsto à cabeça. Constantino leva a galinha e os outros formam na linha do cortejo, em direcção às suas ocupações. E desta sorte, em nossas casas, temos 365 dias de festa e nos bissextos, mais um.

**O** Claudino veio aqui entregar uma moeda de vinte e cinco tostões: *achei à porta da rouparia*. Horas depois vem o Periquito anunciar: — *achou nada! Eles são mas é meus. O que ele quer é armar-se pra um cinto!*

**A** CABARAM de sair daqui o Porto o Zé Maria, o Carlos, o Veiga e o Bartolo. Traziam em sua companhia o Mario do Bonfim, que veio hoje ter à nossa porta. O Pai do Mario tinha vindo por ele, um dia em que eu não estava. Os rapazes pediram-lhe que não o levasse, sem primeiro me consultar.

Qual quê! *Ele é meu filho!* E levou o seu rico menino, para lhe arranjar um emprêgo.

Ora os rapazes aqui citados, comovidos da sorte do amigo companheiro, gostariam de o ver cá ficar. Mas não pode ser. Eu dei todas as satisfações e expliquei de como seria prejudicial ao bom nome da nossa casa, reter aqui um rapaz que tem família, contra a vontade da mesma. Todos compreenderam. O Mario do Bonfim dormiu aquela noite e foi-se embora.

**A**BRIMOS hoje as portas a uma creança de 7 anos, filha de pais ilegítimos e desalmados.

Um grupo de homens e de mulheres daqui perto, vieram-nos contar de como haviam topado a criancinha a chorar num monte, quasi à noite, e agasalharam-na: — *mas a gente não a pode ter em casa, que também somos pobres*. A partida fóra bem feita. A história, bem contada. Os intrujões usaram a inteligência e a prudência próprios da mentira.

Ao dar com os meus olhos na desditosa creança, e observar no seu corpo sinais de fome velha, fingi que acreditava em tudo. Deixei-me enganar. Usei outra sorte de inteligência e de prudência.

Era necessário livrar das mãos de algozes um Inocente! O pequenino entrou. Estamos a dar-lhe de comer em doses muito moderadas, a ver se o salvamos.

Um homem do povo que estava na maré, vendo e ouvindo o desfecho da história triste, exclama:

*Isto é que faz a obra ser o que é. Nem só Roma canoniza.*

**T**EMOS cá um pequenino da Rua Escura. Andava por lá. Não tem mãe. É o mais novo da nossa família. Depressa arranjou pai. É o Carlos. Anda sempre atrás dele: *O' pai!* Está muito bem servido com o *pai*; ou ele não fôsse cozinheiro! O pior é que o Carlos perde um rôr de tempo a fazer caricias ao miudo. Todas as manhãs, depois do almoço servido à tropa, Carlos vai fazer as papas do *menino* e leva-lhas à cama.

Uma destas noites subia aos meus aposentos, a recolher-me. Passei à porta do quarto onde dorme o *menino*. Estava o *pai* a adormecê-lo.

Claro que, fôsse a nossa uma das chamadas casas de educação com educadores à frente, nada disto poderia acontecer. Mas nós somos o cáos! Somos o escandalo! E' necessário vir cá ver, para acreditar o que é a nossa cozinha, o refeitório, a rouparia, a padaria; — a tropa a manobrar das 7 da manhã às 10 da noite!

**O** Avozinha é muito popular cá em casa. É o dispenseiro, mas dispenseiro de tomar conta e de guardar as chaves. E' ele quem risca. Ora as tentações naquele lugar são imensas e de toda a hora. Tanta coisa de lamber...! Como a gente sabe por experiência da *fraqueza* destes rapazes e para não ficarmos reduzidos a nada, de vez em quando cheira-se-lhe a boca! Por enquanto, não tem havido grande queixa.

# UMA DATA

# VENDA DO JORNAL

**F**AZ agora dois anos que eu fui por aí abaixo, pedir a quem de direito o livre curso dum jornal. Tinham-me informado que era muito difícil naquele tempo e creio que hoje também, obter essa licença. Ele é certidões, ele é depósitos, ele é fianças, ele é atestados:— um mundo de arame farpado! Mas no caso deste periódico, não disse o que queria, por escrito, e por baixo escreveram que sim. Não me canso de agradecer aos Senhores que me deixaram e deixam passar livremente. Lembrou-me como se fôra hoje. Do Terreiro do Paço, mandaram-me aos Senhores da Censura. Era tudo gente de armas, ao pé do homensinho pacífico. Mandaram-me entrar pró Gabinete de espera. Ora tinha eu estado ontem no Porto, na rua dos Pelames, a indagar coisas de um dos meus filhos e trazia na alma a impressão de tudo quanto vira e escutara no casarão de 6 andares e suas imediatas visinhanças! E ao falar com o Senhor que me veio atender, não me segurei que não desabafasse. Esqueci-me da pessoa e do lugar. Falei à moda dos apaixonados: *Um jornal que não tenha medo, meu senhor, e que não engane o povo!*

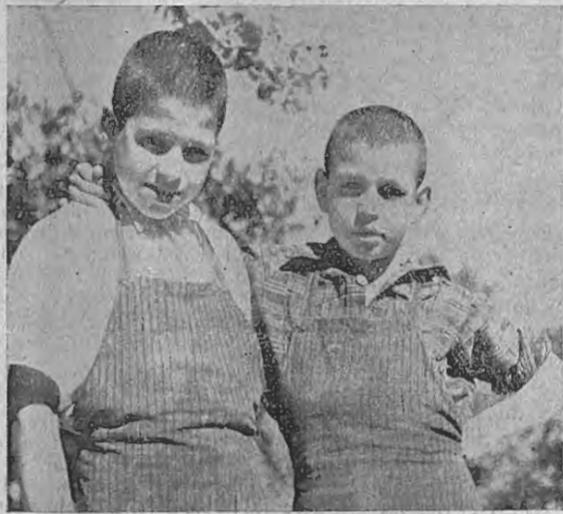
Houve uma pausa. Fez-se silencio. O Senhor fitava-me. *Ai! que vou ser preso*, disse para comigo mesmo! Não fui.

O jornalsinho nasceu auspicioso. Ainda estava no berço e já o publico gostava de o ouvir. Alguns teriam, até, dito, como naquele tempo disseram de Jesus Infante: *Mos onde é que Ele aprendeu*, de tão bem que falava!

E tem crescido, sem mudar da opinião que faz de si mesmo, nem os leitores mudam do que dele fazem. Ele fala de experiencias. Cada um que fale das suas experiencias. Não que elas se comuniquem, mas ajustam-se. Por isso mesmo o jornal expande-se, é fonte de receita, faz bem às almas.

Este é o nosso ponto de mira: *fazer bem às almas*. E' mais facil, é mais doce, é mais meritório fazer bem do que fazer mal. Como há muita gente no Império que faz o favor de o ler e de o coleccionar (coisa espantosa) O Gaiato esmera-se por dar somente aquelas noticias preciosas que o tempo não desgasta. Ele é verdade que às vezes troca os verbos e erra a pontuação. Mestres há que o tem chamado à pedra, mas como êle é pequenino não toma bem conta da lição, daí os desastres.

Vai agora nos três anos. Botou os primeiros dentes, mas continua no firme proposito de se fazer mais pequenino à maneira que fôr crescendo, para que em nada se pareça com os «grandes».



Dois seres importantes da nossa casa  
Mondim e Avozinha

# UM BALANÇO

Quando se começou a falar da Casa do Gaiato do Porto e sua respectiva finalidade, foi dito num grupo de homens respeitáveis, algures, que o Padre Américo não seguraria nenhum rapaz. Eram homens inteligentes. Eram homens de bem. São criticos muito dificeis de suportar, pela sua boa fé e autoridade.

Vai fazer em Maio 3 anos que nos estabelecemos em Paço de Sousa, com 5 pequenos saídos da Casa do Gaiato de Miranda. Hoje o nosso livro de registo acusa o número de 160. De entre eles, por razões desconhecidas, fugiram 21 dos quais 7 regressaram por sua vontade e pé. Esteve aqui há dias o pai de um que veio cá ter, e disse-nos que durante um ano lhe fugira de casa 14 vezes. De cá, fugiu uma, para regressar daí a horas. A madrastra do *Chegadinho*, apareceu cá um domingo com 3 pequenos pela mão. *Chegadinho* pediu licença para ir falar com ela. Mostrou-lhe a casa. A mulher na presença do vadio doutrota, exclama: *Isto é um milagre*, de tanto que ele fugia, quando andava por lá! O pai do Zé da Rocha, que durante muito tempo não teve luzes do filho, ao saber onde ele estava, veio-lhe trazer uma intimação da Tuturia para tantos de tal. Ao vê-lo, desata em pranto. Cuidando eu que eram saudades ou desejos de ir embora, o rapaz grita antes do pai falar: *eu não me quero ir embora!*

Outros casos identicos podia acrescentar se o jornal não tivesse mais nada que dizer,—mas tem.

Mais. Aos domingos, é costume haver muitas visitas. Os nossos rapazes, por não terem trabalhos, andam absolutamente por onde querem. Pois o espanto é igual em todos os visitantes: *mas eles andam todos à solta!*

Na verdade, o Padre Américo não segura nenhum rapaz,—nenhum. Não temos prisões. Não temos êsse intuito. O que muitas vezes recomendo à hora dos avisos, é que se algum se quizer ir embora, me venha pedir o dinheiro necessário para o combóio. Isto sim, que o faço muitas vezes. Eles são testemunha de ouvido.

Aqueles senhores bons, ao dizerem que os não seguraria, pensavam que todos me haviam de fugir. Quando eu declaro que os não seguro, quero dizer que todos podem fugir se quiserem.

Eu cuido que todos quantos se importam por um mundo mais feliz, hão-de alegrar-se ao tomar conhecimento desta prova, destruidora de duvidas. Os números são seguros. Os casos, verdadeiros. A forma mais eficaz de nunca ninguém se enganar, consiste em não enganar ninguém. Ai da obra se eu mentisse!

Quanto à segunda página do livro é cêdo para falar. A *Obra da Rua* está na sua infância. Ninguém sabe o que estes rapazes virão a ser, conquanto já hoje lhes chamem, e eu gosto, os homens de amanhã.

Tão boa, que os jornais não chegaram para os pedidos. Braga, ficou a chorar e Paredes, nem sequer os viu! Nos comboios, pediam jornais e os vendedores não tinham que dar.

Doentes como todos andam com noticias de fora, o povo traz desejos das de casa, dos seus, e procura o jornal!

O Inácio andou uma semana inteira a seringar para ir vender. Foi. Saiu-se bem. O mesmo se diz do Ernesto. O Júlio desceu; vendeu menos de metade. Não o torno a gabar. Os dois gigantes não afrouxam. Amadeu, continua à frente.

A cidade dos Arcebispos continua a ter a mesa posta aos catraios da venda. *Desta vez foi tripas*, declarou o Elvas, que foi comer a uns senhores, com o Ernesto.

O Oscar, disse-me que tinha ido comer à *senhora das abelhas*. Quis saber pormenores: *Sim; a senhora do mel*. Depois de me inteirar destas pitorescas designações, o rapaz conta que o Elvas, acabando do que foi o repasto em casa dos *Senhores*, aparece em casa da senhora das abelhas e comeu, comeu, comeu.

E tu?  
— Eu cá conhi pouco. De sorte que, tanto na venda como no mel, o Elvas é *Piroteo*.

Mais informaram que de Braga devem vir duas camionetes à nossa festa. Trouxeram uma pancadaria de assinantes novos e as cotas de alguns antigos, que assim se livram de andar na boca do jornal e nas bocas do mundo. Assinantes, sim. Nada mais fácil e mais eficaz de ajudar a Obra. Além de que cada um pode ter em sua casa, por dez tostões, o primeiro jornal do país, segundo a opinião que corre.

«Pão dos Pobres» é o livro que o Padre Américo escreveu e que se encontra há venda em todas as livrarias de Portugal. Faça hoje mesmo a sua compra.

## Do que nós necessitamos

**H**A tantos anos que abrimos pacotes de roupas usadas e podemos dizer com verdade que não é nunca acto que se repete, mas sim acção que se experimenta.

Ontem, chegaram do *Depósito*, pelos vendedores do Gaiato, mais um pacote e mais um pacote e mais um pacote e mais um dito e ainda uns outros. Alguns traziam cartas de namoro à Obra. Outros, mensagens ao vinte e quatro de Março. E dinheiros para os pobres da Conferencia, no dia da Benção da Capela. Pobres e Igreja andaram sempre juntinhos; pois se a Caridade nasceu e vive lá dentro! A Igreja tem o mundo na mão e deixa perder o Mundo! Tem as cartas todas e perde o jogo!

As roupas daqueles cinco pacotes eram preciosas. E medicamentos e ligaduras e tudo. Como poderíamos nós vestir tantos rapazes, sem as roupas dos teus filhos! E como não havemos nós de os vestir todos, estes que temos e os mais que hão-de chegar, se vós Mães, sois fonte perene! Sim, Mães. São os filhos que vos engrandecem. E' por eles que o vosso amor transborda. Isto é o que eu tenho lido, há quinze anos, nas vossas mensagens de amor. Quantas vezes não tenho eu chorado ao desdobrar roupas, quantas!

Mais 150\$00. Mais 20\$. Mais 50\$. Mais lenços de mão; quem dera mais! Teem aparecido por aí uns visitantesinhos e todos, conforme as suas posses, deixam sinal. E' preciso que venham mais; que venha toda a gente.

Chegou-nos um pequenito na espinha. O nosso Médico quiz logo pesa-lo, mas foi-se a ver e a balança ainda não tinha chegado! E' uma balança de pesar crianças, artigo nacional, que se vende nas casas da especialidade. Ficam aqui todas as indicações.

Ao bom entendedor...



O «Pretita» é moço de cegos por amor. A velhinha vem comer do nosso caldo todos os dias.